

Ibama terá novo presidente até o fim da semana

Hamilton Casara considera a possibilidade de candidatar-se a deputado federal

EDSON LUIZ
e SANDRA SATO

BRASÍLIA – O presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Hamilton Casara, entrega amanhã a carta de demissão do cargo, mas ainda não definiu se sairá candidato a cargo eletivo ou se permanecerá no quadro de técnicos do órgão. Filiado ao PSDB, Casara estuda a possibilidade de disputar uma vaga de deputado federal por Rondônia, seu Estado de origem. Pelo menos seis nomes são cogitados para assumir a presidência do instituto.

A saída de Casara ocorrerá na quinta-feira, quando despachará com técnicos e diretores do Ibama, mas amanhã já entrega sua carta de demissão. "Sairei, mas não sei ainda se serei candidato. É um campo novo em minha vida, mas estou estudando ainda esta possibilidade", disse Casara ao *Estado*.

A decisão sobre o novo presidente do Ibama será tomada até o fim da semana, mas até ontem, todos os nomes que estavam sendo cotados pertencem aos quadros do próprio governo, com exceção do biólogo Eduardo Martins, que já dirigiu a instituição e atualmente está à frente de uma empresa de assessoria na área ambiental. O mais cotado é Romeu Aldigueri Coelho, gerente do Ibama no Ceará, que contaria com apoio do governador do Estado, Tasso Jereissatti (PSDB), e

é bem conceituado dentro da instituição. A escolha do cearense seria uma afago do Planalto para Tasso, preterido como candidato dos tucanos à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Dos demais candidatos, apenas Raimundo Deusdará, atual secretário de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente, e Rômulo Melo – diretor de Gestão Estratégica do Ibama – não possuem suposto apadrinhamento político. Os demais, José Anchietá, diretor de Fauna e Recursos Pesqueiros do Ibama em Brasília, mas natural de Pernambuco, contaria com a simpatia do vice presidente Marco Maciel. Enquanto que Jader Figueiredo, também dos quadros do Instituto em Minas Gerais, seria o candidato do presidente da Câmara dos Deputados, Aécio Neves (PSDB).

Dida Sampaio/AE – 6/2/2002



Casara: mogno ilegal reprimido

Além da possibilidade de candidatar-se, Casara está deixando o Ibama em razão de problemas internos, causados pela sua decisão de proibir a retirada e exportação de mogno. Desde o fim do ano passado, quando deflagrou uma operação de guerra no interior da Amazônia, ele vem recebendo ameaças de morte. Mesmo assim, conseguiu evitar, em apenas um mês, que mais de 40 mil metros cúbicos da madeira – uma das mais nobres do mundo – saíssem ilegalmente do País.

Mesmo com a substituição de Casara, o ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, pretende manter o combate à exploração ilegal de mogno. Esse foi o sinal dado por Carvalho às quadrilhas que retiram ilegalmente madeira da Amazônia, quando confirmou Casara à frente do órgão, ao assumir o ministério há um mês.

Administração de Casara foi bem aceita por ambientalistas

Especialistas querem que novo presidente tenha domínio técnico e saiba fazer política

LIANA JOHN

A mudança na presidência do Ibama causa grande expectativa entre os ambientalistas, que avaliam positivamente a atuação de Hamilton Casara, neste último ano à frente do órgão. "Casara havia assumido compromissos importantes, que vinha cumprindo, não só na Amazônia, no combate à exploração ilegal do mogno, como na mata atlântica, na tentativa de conter os desmatamentos no sul da Bahia", diz João Paulo Capobianco, do Instituto Socioambiental (ISA). "Sua saída traz uma grande preocupação com a continuidade, já que muitos problemas, apesar de encaminhados, ainda não foram equacionados."

Para os ambientalistas, não basta que o substituto de Casara seja do Ibama, é preciso que ele combine domínio técnico com trânsito político. Casara conhecia bem o Ibama, onde começou a trabalhar como técnico em 1980. Fez carreira técnica, após concluir a faculdade de agronomia (1986), tendo passado por diversos departamentos – manejo, pesca, fauna, planos emergenciais – em vários Estados até voltar ao Amazonas, já como superintendente.

Ali permaneceu de 1994 a 2001, passando a atuar de modo mais incisivo contra a explo-

ração ilegal de madeira. Casara saiu da superintendência do Amazonas para a presidência do Ibama em janeiro de 2001 e, em pouco tempo, tornou a fiscalização mais eficiente. Modificou até o orçamento do Ibama, antes concentrado na sede. Passou a investir 60% dos recursos nas regionais, em trabalhos de campo, deixando 40% para a sede.

Fiscalização – Deu início a várias parcerias com organizações não-governamentais, como a Renctas, no controle do tráfico de animais silvestres, e com a Polícia Federal, nas fronteiras, em rotas de contrabando e em localidades isoladas. Obteve também o apoio de muitas comunidades, conseguindo reverter a situação de abandono de algumas unidades de conservação.

As mudanças por ele impostas aos velhos esquemas de corrupção, exploração de trabalho quase escravo e depauperamento dos recursos

naturais lhe renderam algumas ameaças e oposição de políticos locais. Mesmo assim, Casara insistiu na ação contra a ilegalidade e irracionalidade na extração da madeira amazônica.

O substituto de Casara terá menos de dez meses pela frente e vai assumir num momento de tensão, com diversas situações não resolvidas. Estará no foco da mídia e da sociedade civil e poderá contar com o mesmo apoio de Casara, num primeiro momento. A dúvida é se assumirá com o mesmo empenho os compromissos do cargo.